

APROXIMAÇÃO AO ROTACISMO DE /S/ PÓS-NASAL NOS DIALECTOS OCIDENTAIS GALEGOS¹

MARCOS GARCIA

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

ABSTRACT: One of the controversies in the analysis of the syllabic structure of Galician Portuguese concerns the sequences nasal consonant + tautosyllabic /s/ (aviões: avi[‘oNs]). It is assumed that /s/ is extrasyllabic, since in the Portuguese of Galiza there are not complex codas and since this sequence only appears in plural forms ending in nasal segments. The phonetic phenomenon, known as rhotacism, can help us understand the different solutions adopted by speakers of Western Galician dialects. In some cases, /s/ does not undergo the rhotacism rule, because it is not in the syllable coda, but rather it is in extrasyllabic position. In other cases, the rule applies turning /s/ into [r]. What happens in these cases? This paper proposes that the nasal segment, as well as the vowel, should be analyzed as occupying a nuclear position. Thus, by allowing /s/ to be the coda, the rhotacism rule can be applied to it.

KEYWORDS: rhotacism; nasality; nasal glide; syllable; Galician; Galician Portuguese.

0. Introdução

O rotacismo é um processo fonológico que existe em diferentes línguas do mundo e que provoca a mudança de um determinado segmento em rótico quando ocupa um contexto específico. Lorenzo (1975) faz uma revisão deste fenómeno nas línguas românicas, quer do ponto de vista sincrónico, quer diacrónico. Em muitos dialectos andaluzes, por exemplo, o rotacismo pode actuar sobre os segmentos laterais em Coda, transformando-os em [r] em formas como *salto*: [‘sarto] ou *alma*: [‘ar̥ma].

No Português Galego, o rotacismo aparece frequentemente nas falas populares fazendo com que um /s/ em Coda seja pronunciado como [r] quando no Ataque seguinte encontramos segmentos sonoros ou fricativos. Apesar de não ser um fenómeno muito estudado, existem vários trabalhos que descrevem a sua distribuição (o próprio Lorenzo (1975), Taboada (1979), Álvarez *et al.* (1986), López Castro (1990) ou Freixeiro Mato

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no II Fórum de Partilha Linguística (CLUNL, Julho de 2007)

(1998)) e outros que analisam o rotacismo desde o ponto de vista da fonologia sincrónica (Prieto Alonso (1988) e Dubert (1999)).

No seu trabalho sobre o rotacismo de /s/, Dubert (1999) faz uma revisão e análise fonológica dos contextos que favorecem ou impedem a actuação deste processo; como bem diz, há muitos pontos de máximo interesse ainda em aberto, entre os quais se pergunta se existe “rotacismo se /s/ vai na coda precedido de consoante nasal (*cans bos*)”.

Ainda não conhecemos trabalhos que analisem estas sequências quer do ponto de vista sociolinguístico quer desde uma visão puramente fonológica, mas a nossa percepção sobre diversos resultados de rotacismo pós-nasal empurrou-nos à realização deste estudo.

O presente trabalho é o resultado de um estudo preliminar com falantes que apresentam soluções fonéticas nas quais o rotacismo actua também quando /s/ está em posição pós-nasal. Foram realizadas gravações de sequências /i+nasal/² em fronteira silábica e seguidos de /s/ tautossilábico – em contextos favoráveis ao rotacismo –, com o fim de comparar se existe diferente grau de nasalização da vogal nos diferentes contextos. Neste momento interessa-nos, sobretudo, aprofundar o conhecimento deste fenómeno e verificar se as análises pré-existentes da estrutura silábica do PG são compatíveis com estas sequências, nomeadamente naquelas ocasiões em que o rotacismo actua.

1. Aspectos Prévios

Nesta secção serão expostas questões prévias que nos permitirão compreender melhor os fenómenos em causa. Assim, delimita-se a região da Galiza na qual este trabalho se foca, mostra-se – embora muito resumidamente – o funcionamento da nasalidade nas sequências analisadas e finalmente descreve-se o processo do rotacismo de /s/ em PG.

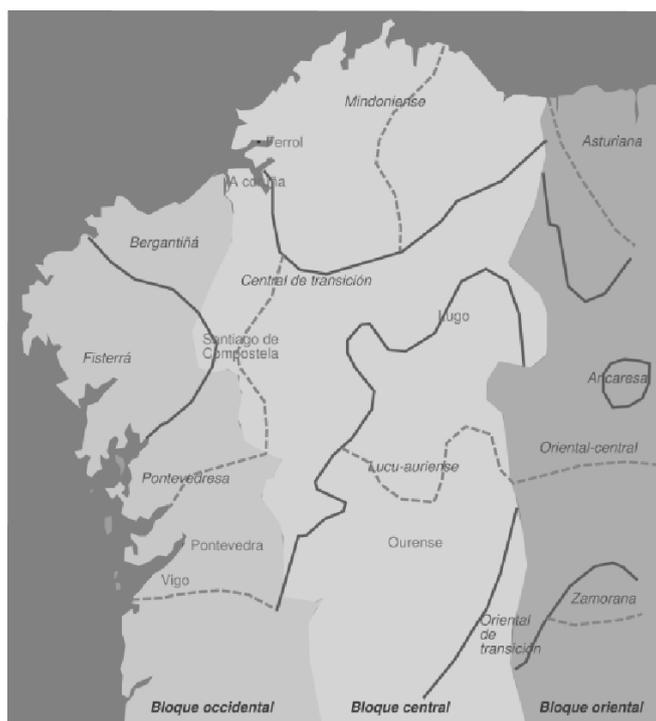
1.1. Blocos Dialectais do PG

Nos dialectos tradicionais galegos, a forma singular das palavras terminadas em consoante nasal é produzida de modo maioritário mantendo a própria consoante nasal: *camião* como cami[‘oŋ] (com diferentes graus de nasalização da vogal). Porém, a sua flexão em número apresenta três variantes fundamentais³, dependendo do bloco dialectal no qual nos encontremos: no bloco oriental, a nasalidade perde-se, sendo realizado o plural de *camião* como cami[‘ojs]⁴; no bloco central será cami[‘os] e no bloco ocidental cami[‘oŋs]:

² Escolheu-se a vogal /i/ por ser esta a que permite uma leitura mais nítida do formante nasal, devido ao espaço que existe entre as frequências dos seus dois primeiros formantes.

³ Referimo-nos às evoluções de -ANES e -ONES. Sobre os resultados das formas latinas em -ANUM, -ANAM, -ANOS e -ANAS veja-se a distribuição de Pérez (1982).

⁴ Como forma maioritária, ao lado de cami[‘oes], cami[‘ōjs], cami[‘ones]... Veja-se Fernández Rei (1990) ou ILG (1999) para uma descrição mais detalhada.



Os três blocos dialetais da Galiza e outras subáreas

Vemos, assim, que unicamente no bloco ocidental temos sequências onde aparentemente existem Codas complexas, com duas consoantes tautosilábicas a seguir à vogal nuclear.

Neste trabalho faz-se uma proposta de análise das formas terminadas em /s/ pós-nasal, pelo que se irá focar fundamentalmente no bloco em que se mantém a nasalidade nas formas de plural.

1.2. Nasalidade no Bloco Ocidental

Apesar de não conhecermos trabalhos específicos sobre a nasalidade nos dialectos ocidentais galegos, considera-se que em todo o território galego as consoantes nasais em final absoluto são produzidas com uma nasal velar: *um* realiza-se como [ˈuŋ] e *fim* é portanto pronunciado como [ˈfiŋ].

Da mesma maneira, na grande parte dos trabalhos⁵ afirma-se que as vogais só nasalizam de modo perceptível se se encontram:

- entre consoantes nasais: *maçã*: [mɐ'saŋ] vs. *irmã*: [ir'mãŋ].
- em início absoluto: ontem: [ɔnti].

Nos outros casos de contacto da vogal com segmentos nasais (VN\$C, NV, V.N) podemos admitir, como Regueira (1989, p. 17) que “o grau de percepção da nasalização é moi variable, dependendo dos hábitos individuais de pronuncia, así como da palabra, ou mesmo da situación ou do momento”.

Assim sendo, de modo geral assume-se que não há vogais nasais, senão vogais orais nasalizadas pelo contexto.

1.3. Rotacismo de /s/ em PG

Não nos deteremos muito na explicação deste processo, já que o que nos interessa neste trabalho não é a sua descrição, mas a estrutura da sílaba e a posição que os segmentos ocupam neste constituinte em sequências nas quais o rotacismo actua. Adoptamos, contudo, a proposta de Dubert (1999), que mais adiante resumimos.

Na sua análise do rotacismo em Galego, Prieto Alonso (1988) propõe uma hierarquia de intensidade através da qual os segmentos mais fracos (glides, líquidas, nasais, oclusivas vozeadas e fricativas) possibilitam a actuação da regra quando estão no Ataque seguinte ao /s/. Os segmentos fortes (africadas e oclusivas surdas) bloqueiam o processo. *Desde*: [ˈdeɾðɪ] é um exemplo da actuação da regra, enquanto *este*: [ˈeɣɪ] é um exemplo contrário, já que as oclusivas não vozeadas bloqueiam o rotacismo.

Dubert (1999) aponta para várias dificuldades que a proposta de Prieto não soluciona, expondo uma nova análise que dá conta do funcionamento deste fenómeno.

No marco da fonologia lexical, e mediante a subespecificação fonológica, Dubert (1999) afirma que o rotacismo provoca que o segmento /s/ em Coda seja realizado como [r] excepto (i) se preceder um segmento especificado fonologicamente como [-cont] ou (ii) se existir uma pausa depois do /s/. Desta maneira, explicam-se sequências como *mesmo*: [ˈmɛɾmɔ] ou *três dias*: [ˈtɾɛɾ ˈðjɛɣɪ], onde o rotacismo actua tanto no interior como no fim de palavra.

O rotacismo é um processo pós-lexical, pelo que não modifica a estrutura das sílabas já formadas. A ordem de aplicação das regras é a razão que na proposta de Dubert (1999) explica por que nas sequências como *estes amigos* (/a/ é [-cont]) não actua o processo; a silabificação pós-lexical provoca que o /s/ em Coda seja reinterpretado em Ataque (/es.tes./ /a.mi.gos/ > /es.te.sa.mi.gos/) e não seja portanto atingido por uma regra que apenas actua nas Codas silábicas. Da mesma maneira, o rotacismo aplica-se depois do

⁵ Vidal Figueiroa (1992) faz uma exaustiva revisão dos trabalhos anteriores, assim como uma descrição da nasalidade em diferentes áreas do território linguístico galego-português.

processo de fusão silábica (que converte as vogais em glides: /i.a.te/ > /ia.te/), podendo actuar quando o Ataque que segue o /s/ é preenchido por um glide: *os iates*: [ʊr 'jatɪs]. Aqui, a consoante mantém a sua posição na Coda, pelo que é transformada em [r] depois da aplicação da regra.

2. Dados do PG

Nesta secção será feita uma exposição dos dados relativos às ocorrências de /Ns/, à nasalidade das vogais e ao rotacismo neste tipo de sequências, mostrando as diversas soluções conhecidas, bem como as análises encontradas na literatura.

2.1. Soluções da sequência /Ns/

Como comentámos anteriormente, a estrutura da sílaba dos falantes tradicionais de Galego impede a criação de Codas complexas, salvo nos plurais de formas terminadas numa consoante nasal. Assim, a primeira sílaba de palavras como *instituto* será pronunciada [is̺], com ausência de nasalidade, uma vez que esta se desassocia da Coda, ocupada pelo segmento [+cont]; o mesmo acontece com formas como *abstracto*: [ɛ̺s̺'tratʊ], onde /b/ também não se pode ancorar a uma Coda já preenchida e obrigatoriamente não ramificada.

As únicas ocorrências aparentes de Codas complexas são, portanto, o plural daquelas formas que saem da componente fonológica terminadas num segmento nasal: /ma.saN/ ou /ir.maN/⁶, produzidas como [mɐ's̺aŋs̺] e [ir'mãŋs̺] depois de flexionadas em número.

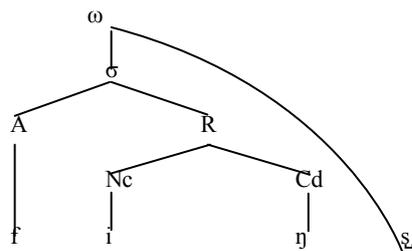
O que acontece quando estas formas, terminadas em /s/ pós-nasal, aparecem em contextos favoráveis ao rotacismo? Em muitos falantes a regra não actua, isto é, a nasalidade bloqueia a aplicação do rotacismo no /s/. Estas sequências são assim pronunciadas com um alofone de /s/, por exemplo *uns dias*: ['uŋs̺ 'ðjɛs̺].

Vimos portanto que, salvo nos plurais das formas em /N/ e só num dos três blocos dialectais, não existem Codas complexas em PG; por se tratar de um caso excepcional, Regueira (2002) considera que o segmento [+cont] fica em posição extrassilábica, sendo a Coda ocupada pelo segmento nasal (figura (1)).

Adoptando esta análise, é simples ver por que este tipo de sequências não são atingidas pela regra do rotacismo proposta em Dubert (1999), a qual actua sobre segmento em Coda. Não estando [s] em Coda, mas numa posição de extrassilabidade, a regra não se aplica.

⁶ Dependendo do dialecto, esta forma pode ser feminina e/ou masculina; veja-se Fernández Rei (1990) para uma descrição dialectológica, e Prieto Alonso (1986) e Holt (2000) para análises em Fonologia Lexical e em Teoria da Optimidade respectivamente.

(1)

Representação de *fins* seguindo a Regueira (2002)

Todavia, em determinados falantes, não é estranho notar como o fenómeno acontece, convertendo [s] em [r] também neste tipo de sequências. Assim, *as irmãs dela* pode ser produzido como: [ɐ̃s̃ iɾ'mãŋr 'ðɛlɐ]. Não conhecemos trabalhos que analisem este tipo de resultados, quer do ponto de vista fonológico quer sociolinguístico. Contudo, cabe dizer que o rotacismo é um processo muito frequente, mas sobre o qual recai um enorme desprestígio social; é portanto um fenómeno comum nas falas populares, mas que tem um menor índice de ocorrência em registos mais formais. Em diferentes gravações realizadas para este e outros trabalhos, o rotacismo não costuma aparecer quando as sequências são lidas, mas é perceptível nas formas produzidas em fala espontânea.

2.2. Vogais e nasalidade em PG

Já reiterámos neste trabalho que os segmentos nasais em PG costumam ter em posição final absoluto uma oclusão na zona velar; quando a nasal é seguida de uma consoante em Ataque, esta espraia os traços de Ponto de Articulação, sendo então partilhados pelo segmento nasal. Pode, contudo, aparecer também nestes casos um segmento velar. Assim:

(2)

um: ['uŋ]*anfíbio*: [ɐŋ'fiβjɔ] ou [ɐŋ'fiβjɔ]*campo*: ['kãmpɔ] ou ['kãŋpɔ]*dente*: ['deŋtɪ] ou ['deŋtɪ]*sangue*: ['sãŋgɪ]

Vidal Figueiroa (1992, p. 18) diz: “A coarticulación das secuencias [N\$C] parece que depende do ‘tempo’ da elocución, de modo que na fala máis rápida predominan as realizacións homorgánicas e na fala máis lenta tende a predominar a pronuncia [ŋ] en todos os casos”.

Noutro trabalho, Vidal Figueiroa (1997) afirma que em posição final⁷, o segmento nasal é subespecificado em relação ao Ponto de Articulação; dependendo do grau de assimilação à vogal, este pode sofrer variação. São precisos, portanto, trabalhos de natureza acústica que nos permitam verificar se a teoria fonológica explica de modo satisfatório estes processos. Contudo, a nossa própria percepção confirma o adiantado por Vidal Figueiroa (1997), uma vez que nem sempre é perceptível uma oclusão na realização do segmento nasal.

Regueira (2005) expõe os resultados de uma experiência que compara o grau de nasalização das vogais em sequência /VN/ entre falantes de Portugal e da Galiza. No caso galego, em posição medial conclui que a vogal é nasalizada em 58,7% dos casos. Em posição final, as sequências /VN/ têm uma média de nasalização de 68,3%. Vemos, portanto, que o grau de nasalidade das vogais nestes contextos pode ter importância na estrutura da sílaba em PG.

2.3. Nasalidade e Rotacismo. Novos Dados

Para conhecer o funcionamento da nasalidade em falantes com rotacismo pós-nasal, foram gravadas diversas sequências deste tipo. Assim, foi feita para este trabalho uma pequena experiência com falantes que com frequência apresentavam soluções com rotacismo em segmentos pós-nasais. Por limite de tempo, não se realizaram análises comparativas entre falantes com e sem rotacismo pós-nasal, questão que será abordada em trabalhos posteriores.

Para esse fim, foi pedido a três falantes nativos (de 24, 25 e 28 anos) do mesmo dialecto ocidental do Português da Galiza que pronunciassem sequências onde se incluíam as formas a analisar, do tipo: *vi um pinto*, ou *vou todos os fins-de-semana*. No total, cada um deles gravou três sequências que continham /VN/ e duas /VNs/ (uma em contexto favorável ao rotacismo e a outra não). A gravação foi feita com um microfone dinâmico (super-cardióide) Sennheiser E845 e uma placa de som MobilePre da M-Audio. As características da gravação só permitiram analisar os dados de nasalização da vogal mediante formantes, pelo que estes variam notavelmente a respeito de outros dados gravados com sistemas mais complexos. Contudo, consideramos que apesar de os dados não se poderem comparar aos extraídos noutros estudos, são suficientemente válidos para observar as diferenças de assimilação do traço [+nasal] à vogal nos diferentes contextos escolhidos.

A média de nasalização da vogal foi a seguinte em cada um dos três contextos escolhidos:

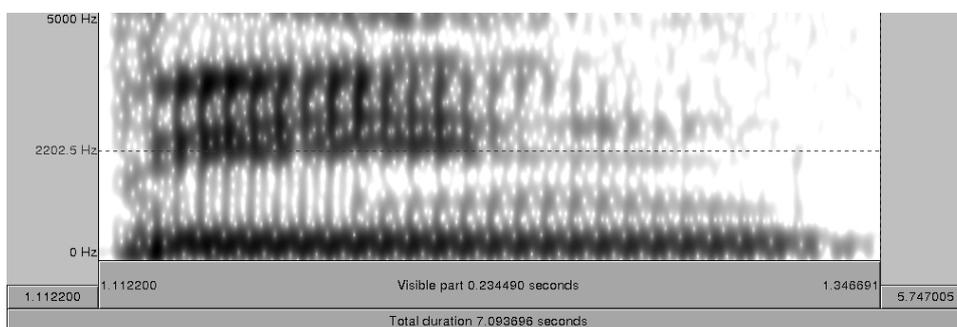
⁷ E também na forma *uma*, que pode ser pronunciada como [ˈuŋɑ], [ˈũẽ] ou [ˈuNa].

<i>Contexto</i>	<i>Percentagem de nasalização da vogal</i>
VN	25.04%
VNS + [-cont]	39.8%
VNS + [+cont]	77.41%

Média percentual de Nasalização da Vogal em PG

O contexto VN é aquele em que a vogal é travada por um segmento nasal, para comprovar a média da nasalidade neste tipo de casos. VNS + [-cont] abrange aquelas sequências nas quais existindo um /s/ pós-nasal, o facto de existir depois uma consoante marcada fonologicamente como [+cont] impede a aplicação do rotacismo. Por último, os casos VNS + [+cont] são o mesmo tipo de sequências mas seguidas por uma consoante que permite a actuação do rotacismo nestes falantes.

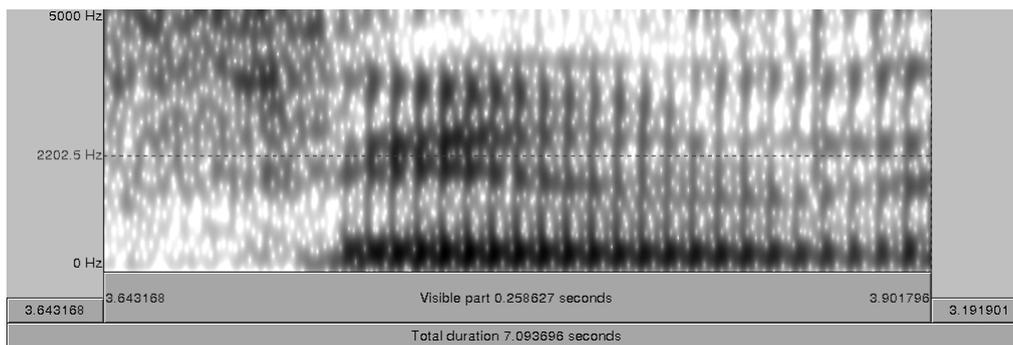
O seguinte espectrograma mostra a sequência [‘pĩŋ] em *pinto*; pode ver-se nitidamente como o formante nasal, com uma frequência arredor dos 1200Hz, tem o seu início durante a produção da vogal, nasalizando-a arredor do 40%:



Espectrograma da sequência [‘pĩŋ] em *pinto*

Como se pode apreciar aqui e nos dados expostos, a percentagem da vogal que é afectada pela nasalidade não é tão marcada como se poderia esperar, tendo em conta os resultados de Regueira (2005) e a nossa própria experiência noutros trabalhos. Podemos comparar esta percentagem de falantes com rotacismo pós-nasal com outros dados de pessoas que não apresentam esta característica, e que porém, têm maior grau de nasalidade. Não podemos portanto concluir que o rotacismo tenha relação directa com a nasalização da vogal.

A respeito das formas com /VNS/ e rotacismo, estas têm sim uma duração menor do segmento nasal, em vez de uma maior absorção deste pela vogal. Este segmento [+nasal] parece não ter Ponto de Articulação nítido, uma vez que os seus formantes não acabam no início de [r], e começam muito cedo desde o início da vogal.

Espectrograma da sequência [ˈfĩnr δɪ] em *fins-de-semana*

3. Análise Fonológica

Os dados apresentados até aqui, com formas de rotacismo pós-nasal, diferem notavelmente das sequências mais comuns analisadas na literatura, onde raramente aparecem dois segmentos consonânticos seguindo uma vogal tautossilábica, ou um [r] pós-consonântico. Tentaremos agora fazer uma pequena exposição da análise de Trigo Ferré (1988) e testar se a sua adaptação ao caso galego é aplicável quer nos casos em que actua o rotacismo, quer naqueles em que a regra não é aplicada. Para isso, trabalharemos dentro do marco da Fonologia Generativa, adoptando a Teoria Autossegmental (Goldsmith, 1990), a subespecificação fonológica (Archangeli, 1988) e os instrumentos da Fonologia Lexical (Mohan, 1986).

3.1. Glide Nasal

Na sua tese de doutoramento, Trigo Ferré (1988) faz uma análise da nasalidade em diferentes línguas do mundo, concluindo que em muitas delas existe um glide nasal derivado de um segmento nasal em Coda que perde o Ponto de Articulação.

Este processo acontece, por exemplo, em línguas como o Japonês ou o Basari, e é formalizada por Trigo Ferré da seguinte maneira:

$$(3) \quad V_n \rightarrow V_N$$

onde N representa um glide nasal, que perde os seus traços de Ponto de Articulação.

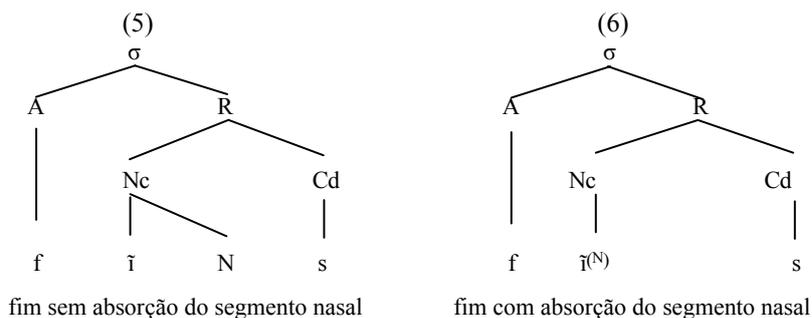
Uma regra posterior de absorção possibilita o espraiamento da nasalidade para a vogal, podendo o segmento desaparecer totalmente, ou não. É o caso do Chinês, do Espanhol das Caraíbas ou do Choctaw:

(4)

$$VN \rightarrow \tilde{V}(N)$$

Conhecidos os dados que temos sobre as falas ocidentais do PG, podemos explicar a nasalização das vogais com uma estrutura como a das figuras (5) e (6)⁸.

Esta aplicação da proposta de Trigo Ferré (1988) não viola nenhuma das restrições da estrutura silábica do PG; estas só permitem que o Núcleo seja preenchido por um segmento vocálico, ou por um glide. Da mesma maneira, um único segmento se ancora à Coda, pelo que também é uma análise fiel a respeito da restrição das Codas complexas.



3.1.1. Ordem de aplicação das regras

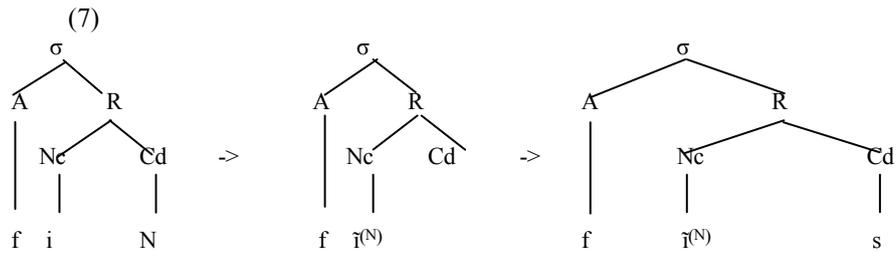
Chegados a este ponto, é preciso verificar em que ponto da derivação são aplicadas as regras de Perda do Ponto de Articulação e a de Absorção, para comprovar se esta análise é válida para os dados conhecidos do Galego.

Foi dito que nas sequências VCS em interior de palavra não são ancorados os três segmentos às posições da estrutura silábica, uma vez que não são admitidas as Codas complexas; assim, [is]tituto é pronunciado sem nenhum tipo de nasalidade. As duas regras propostas actuarão, portanto, depois do processo de silabificação no léxico. Desta maneira, o segmento nasal de *instituto* não poderá ocupar o Núcleo, por ser [+cons], nem a Coda, ocupada por /s/⁹.

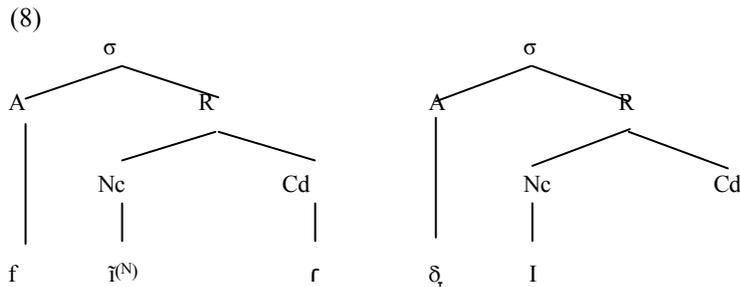
Nas formas onde o rotacismo actua, porém, a nasalidade desloca-se para o Núcleo, permitindo que o morfema de plural possa associar-se à Coda:

⁸ Trigo Ferré (1993) e Vidal Figueiroa (1997, 2000) postulam, para o padrão português e para os dialectos tradicionais galegos respectivamente, que o segmento nasal em Coda seja uma excrescência de uma vogal nasal na derivação fonológica: aN > ã > aN. Seja como for, as duas propostas podem ser incluídas na regra (4), uma vez que esta aplicar-se-ia depois da “Nasal Consonant Excrescence” (Trigo 1993, p 391).

⁹ Assume-se que /s/ está unicamente especificado na componente fonológica com o traço [+cont], uma vez que os outros traços são especificados pelo contexto ou por regras de defeito.



Depois da silabificação e da aplicação destas regras, a saída cumprirá todos os requisitos para a actuação do rotacismo, que provocará um resultado do tipo *fin[r]-de-semana*:



Nos casos em que a Absorção não actua, o segmento nasal pode ser atingido pela regra de defeito, que o torna uma consoante velar, ou partilhar os traços de Ponto de Articulação da consoante seguinte: *ca[m]po*, *de[n]te*...

4. Variação

O presente trabalho tenta ser apenas uma aproximação ao rotacismo pós-nasal, postulando que os trabalhos de Trigo Ferré podem ser aplicáveis também à nasalidade em Português da Galiza. Contudo, é preciso apontar que, por um lado, o rotacismo não é um processo regular como o podem ser outros no sistema fonológico do PG; é, sim, um fenómeno com um grande grau de variação social. Podemos dizer, sem temor de nos equivocarmos, que o acto de leitura, assim como outros contextos, favorecem a não aparição do rotacismo por ser um fenómeno marcado pejorativamente. Em palavras de Regueira (2002):

Nos estilos máis formais da lingua culta (a lingua do discurso académico, de certos textos orais dos medios de comunicación, da actividade política, etc.) os cultismos non son adaptados á fonoloxía xeral da lingua, senón que se procura unha maior fidelidade á forma escrita, porque unha pronuncia que siga a lingua escrita é considerada máis culta. [...] os modelos orais do español culto están inevitablemente presentes. Na lingua lida ou en rexistros moi formais da lingua culta aparecen inicios silábicos complexos, normalmente en helenismo: *pneumático*, *psicólogo*, *gnomo*. (op. cit., p. 241).

A fidelidade à forma escrita condiciona também a aplicação do rotacismo, embora não seja preciso chegar a um registo tão elevado para que seja evitado. Da mesma maneira, a leitura e os níveis cultos da língua mostram frequentemente Codas complexas do tipo *abstracto* ou *instituto* pelas mesmas razões que aponta Regueira.

Por outro lado, não conhecemos trabalhos específicos e amplos sobre a nasalidade em PG que comparem quer a absorção do segmento nasal em diferentes contextos, quer as diferenças que possam existir entre falantes do mesmo dialecto, do mesmo bloco dialectal, ou entre eles.

Um estudo destas características permitirá aprofundar o conhecimento da nasalidade do Galego e ajudar-nos-á a compreender o seu funcionamento fonológico. Assim, poderemos também saber se o rotacismo pós-nasal é um fenómeno que se relaciona principalmente com a nasalidade ou se existem outras variáveis que influem no processo.

5. Conclusões

Sendo este um trabalho preliminar, cujos objectivos não passam de mostrar dados de processos dos quais ainda não conhecemos o funcionamento e fazer uma proposta de análise, não podemos obter conclusões totalmente robustas sobre o rotacismo pós-nasal em PG. Contudo, os novos dados oferecidos podem abrir uma nova via para o estudo e o conhecimento da estrutura silábica do Galego, e do seu funcionamento fonológico.

A análise proposta traz benefícios não apenas na análise das sequências de rotacismo pós-nasal, mas também noutra tipo de sequências. Nomeadamente, a análise (i) dá conta da inexistência de Codas complexas nas falas populares do Português Galego; (ii) não recorre à extrassilabidade para explicar as sequências VNS; (iii) permite o espraçamento dos traços de Ponto de Articulação de uma consoante em Ataque e (iv) mostra a diversidade de graus de nasalização existentes. Ao mesmo tempo, também responde a Regueira (2002, p. 239): “Unha cuestión pendente de investigar é por qué a asignación ó nó PF é posible no galego occidental nas palabras rematadas en nasal, pero non se admite nas palabras rematadas en líquida, do tipo **mars*, **sols*.” Nestes casos, as líquidas não ocupam o Núcleo da sílaba, pelo que /s/ não pode ocupar uma Coda já preenchida.

Falta, porém, um trabalho demorado que nos permita conhecer, sobretudo, o que acontece nas formas em singular terminadas em N em diferentes falantes e nos diferentes blocos dialectais. Se N se ancora ao Núcleo ou fica na Coda, se o grau de nasalização vocálica depende dos falantes ou se é uma característica dialectal, etc. A respeito das formas em plural, é necessário também conhecer se os falantes que não apresentam rotacismo pós-nasal têm o mesmo grau de nasalização que aqueles em que a regra é aplicada.

Finalmente, com estes e outros pontos em aberto, consideramos que a análise aqui proposta (se bem que preliminar) pode abrir novas vias de trabalho que possam explicar o funcionamento da componente fonológica da

variedade galega e que nos permitam conhecer melhor como se organizam os segmentos nas gramáticas dos seus falantes.

Referências

- Álvarez, Rosario, Xosé Luís Regueira & Henrique Monteagudo 1986. *Gramática galega*. Biblioteca Básica da Cultura Galega. Vigo: Galaxia.
- Andrade, Ernesto d' & Alain Kihm 1987. Fonologia auto-segmental e nasais em português. *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa.
- Archangeli, Diana 1988. Aspects of Underspecification Theory. *Phonology Yearbook* 5, pp. 183-207.
- Blevins, Juliette 1995. The Syllable in Phonological Theory. In Goldsmith, John (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Dubert, Francisco 1999. Máis sobre o rotacismo de /s/ en galego. In R. Álvarez e D. Vilavedra (coords.) *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Carvalho, Joaquim Brandão de 1988. Nasalité et structure syllabique en portugais et en galicien: approche non linéaire et panchronique d'un problème phonologique. *Verba* 15, pp. 237-263.
- Fernández Rei 1990. *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Xerais.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón 1998. *Gramática da Lingua Galega I. Fonética e Fonoloxía*. Vigo: A Nosa Terra.
- Goldsmith, John (1990) *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Holt, Eric 2000. Comparative Optimality-Theoretic Dialectology: Singular/plural nasal alternations in Galician, Mirandese (Leonese) and Spanish. Héctor Campos, Elena Herburger, Alfonso Morales-Front, & Thomas J. Walsh, (eds.) *Hispanic Linguistics at the Turn of the Millennium: Papers from the Third Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 125-143.
- ILG 1999. *Atlás Lingüístico Galego. Vol. III, Fonética*. Vigo: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa.
- Kenstowicz, Michael 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge & Oxford: Blackwell.
- Laver, John 1995. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- López Castro, Maria Xosé 1990. *A fala de Sarria (Lier, Calvor, Castelo). Estudio fonético e léxico*. Tese de Licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela.
- Lorenzo, Ramón 1975. El rotacismo en las lenguas románicas. *Verba*, 2, pp. 119-136.
- Mateus, M^a H. Mira & Ernesto d'Andrade 2000. *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press.
- Mohanan, K. P. 1986. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel.

- Pérez, José I. 1982. Observaciones en torno a la desaparición de la -N- intervocálica en gallego. *Verba* 9, pp. 201-213.
- Prieto Alonso, Domingos 1986. Fonoloxía e morfoloxía das formas dialectais en -as e -ans. *Grial* 91, pp. 102-106.
- Prieto Alonso, Domingos 1988. O rotacismo galego. *Agália* 15, pp. 293-309.
- Regueira, Xosé Luís 1989. *A fala do norte da Terra Cha*. Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.
- Regueira, Xosé Luís 1996. Galician. *Journal of the International Phonetic Association* 26 (2), pp. 119-122.
- Regueira, Xosé Luís 2002. A sílaba en galego: lingua, estándar e ideoloxía. *Homenaxe a Fernando R. Tato Plaza*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Regueira, Xosé Luís 2005. Nasalidade en galego e en portugués: algúns datos de secuencias vogal + nasal implosiva. Ana Isabel Boullón Agrelo (coord.) *As tebras alumeadas: estudos filolóxicos ofrecidos en homenaxe a Ramón Lorenzo*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Taboada, Manuel 1979. El habla del valle de Verín. Anexo 15 de *Verba*.
- Trigo Ferré, Rosario Lorenza 1988. *On the Phonological Derivation and Behavior of Nasal Glides*. Dissertação de Doutoramento, MIT. Cambridge, MA.
- Trigo Ferré, Rosario Lorenza 1993. The Inherent Structure of Nasal Segments. Huffman & Krakow (eds.) *Nasals, Nasalization and the Velum. Phonology and Phonetics*, 5. San Diego: Academic Press.
- Vidal Figueiroa, Tiago 1992. *As vocais nasais en portugués e en galego, con especial referencia á fala ancaresa*. Tese de Licenciatura, Universidade de Santiago de Compostela.
- Vidal Figueiroa, Tiago 1997. Estructuras fonéticas de tres dialectos de Vigo. *Verba* 24, pp 313-332.
- Vidal Figueiroa, Tiago 2000. Fonética e fonoloxía. Fernando Ramallo, Gabriel Rei-Doval & Xoán Paulo Rodríguez Yáñez (eds.) *Manual de Ciencias da Linguaxe*, Vigo: Xerais, pp. 628-719.